

RECENSÃO / BOOK REVIEW

SILVA, Maria Freire da. *Trindade, criação e ecologia*. São Paulo, Paulus, 2009. 287 p.

Visualizar Deus uno e trino na criação, conscientizando-se e tornando-se ecológicos

Levando-se em consideração toda a ampla reflexão que se faz hodiernamente em torno da ecologia, da valorização da natureza, bem como a integração perfeita desta com o ser humano, ler *Trindade criação e ecologia* é uma ótima oportunidade para se perceber a pericórese, a integração de Deus uno e trino na perspectiva ecológica, ou seja, Deus é modelo de vivência para todo o universo. A própria Campanha da Fraternidade do ano 2011 trouxe a abertura dessa reflexão: ter consciência do cuidado que se deve àquilo que é obra divina e está à disposição para a integração equilibrada entre os seres humanos e as criaturas inanimadas e não estas submissas, subordinadas, passíveis de pura manipulação por aqueles.

A autora, Maria Freire da Silva, é teóloga natural de João Câmara (RN), pertence à Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Possui graduação e também mestrado em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (São Paulo) e doutorado em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Atualmente é professora de Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A humanidade pós-moderna tem sido autora e testemunha de grandes mudanças sociais e religiosas. A irrupção da informação científica, a descoberta de valores humanos, psicológicos, éticos mundiais, tanto quanto as relações desiguais têm preocupado profissionais de todas as áreas da sociedade. A Teologia não ficou alheia a essa realidade. Na busca de contribuir para a comunhão e unidade do mundo e da humanidade, a teologia da Trindade tem sido nos últimos anos, por parte de alguns teólogos, um dos pontos mais importantes da teologia, para uma releitura da ortopraxis das Igrejas, sobretudo no que se refere à comunhão trinitária como modelo para a Igreja e o universo. Nesse contexto, a pericórese trinitária tem ocupado lugar privilegiado no campo

da reflexão por parte de alguns teólogos que pretendem mostrar o inter-relacionamento trinitário de Deus como modelo de Igreja-comunhão, modelo trinitário de uma sociedade de iguais inter-relacionados com o cosmo em perspectiva ecológica. Com isso, a autora Maria Freire da Silva demonstra ter como objetivo a apresentação de uma reflexão teológica sobre o pensamento do teólogo luterano Jürgen Moltmann e Leonardo Boff – no que se refere ao modelo societário da Trindade e seus desdobramentos na criação – e, conseqüentemente, mostrar como a pericórese trinitária constitui o eixo articulador da reflexão sobre ecologia. Em outras palavras, no livro, analisa-se *a influência da teologia da esperança e trinitária de J. Moltmann na teologia brasileira, através do pensamento de L. Boff* (p. 11).

O livro, com dezesseis páginas de bibliografia (p. 267-283) desenvolve-se didaticamente em seis capítulos. De início apresenta-se bastante fluente; depois se torna um pouco aborrecível e com algumas ideias que não necessariamente precisariam ser repetidas tantas vezes. Contudo, é feita uma abordagem interessante acerca do pensamento moltmanniano, demonstrando como este adquiriu processualmente sua característica de integridade e como influenciou o pensamento de Leonardo Boff que recebeu também muito da bagagem do Concílio Vaticano II no que diz respeito a uma eclesiologia de comunhão fundada na iniciativa trinitária. *Nesse contexto, a teologia da libertação surge com o objetivo de articular teoria e práxis a partir da experiência dos pobres, relacionando a História com a salvação, a libertação ético-política com a libertação soteriológica* (p. 13-14). Pode-se, portanto, dizer que o modo de escrever da autora se faz num caminho simples, tendo como ponto de partida o pensamento de Moltmann e ponto de chegada a explanação feita por Boff, no contexto da América Latina. Entretanto, apesar do caminho simples, não se tem uma linguagem simples, porém da gramática teológica.

Por ter assistido à morte de seu melhor amigo em um campo de guerra, a teologia de Moltmann, diz a autora, nasce de sua experiência de Deus diante da morte, a qual se apresenta como sendo da esperança. Todavia, a influência de Moltmann na teologia boffiana está no que se constitui o modelo societário da Trindade, considerado como o mais adequado e sugestivo para a experiência de fé num contexto de opressão.

Com tal visão, pode-se ainda dizer, em linhas gerais, que o texto está dividido em duas grandes partes. Na primeira (os três primeiros

capítulos), analisam-se os pressupostos teológicos da “teologia da esperança e da teologia da libertação no Brasil”. Na segunda (também constituída de três capítulos), são analisadas a teologia da trindade, a teologia da criação e a ecologia.

Entrando pela porta dos fundos, pode-se afirmar, antes de esmiuçar o conteúdo de cada um dos seis capítulos, que o livro em questão busca avaliar a pericórese trinitária em um horizonte ecológico, associando à ameaça ao planeta Terra os desvios causados à natureza em seus ecossistemas, como o sofrimento dos pobres, utilizando-se das categorias de *entropia* (desorganização) e *sintropia* (organização), ajudando assim, a partir da comunhão trinitária na formulação de uma ética humano-ecológica.

No primeiro capítulo (p. 25-61), a autora contextualiza o fio condutor do pensamento de Moltmann e Boff, bem como os princípios que norteiam a sua evolução, como também os elementos que influenciaram sua elaboração teológica, o método teológico usado e os interlocutores dessa teologia. Desenvolve-se num primeiro momento a transição da hermenêutica da esperança à hermenêutica trinitária, não se desapercebendo da influência provinda da filosofia da esperança de Ernst Bloch e da teoria marxista presente na hermenêutica da teologia da libertação.

[...] a teologia da esperança de J. Moltmann não deve ser lida na perspectiva da teologia sistemática, mas na ótica da teologia fundamental. Há uma continuidade entre a teologia moltmanniana e a hermenêutica da libertação desenvolvida por Boff. [...]. [os autores], diferenciam-se no referencial; ou seja, os pobres constituem a novidade hermenêutica libertadora que está interligada com a doutrina social da Igreja. [...]. A teologia da Trindade em Boff, na perspectiva da libertação, é elaborada pontuando três preocupações básicas: simplificação das controvérsias e heresias históricas; privilégio para as interpretações mais significativas no contexto dos países pobres; manutenção da consciência de limitação da linguagem humana diante do mistério. Porém, Boff está imbuído totalmente do modelo societário de Moltmann no que se refere à aplicação da comunhão da Trindade na comunidade humana (p. 60-61).

Levando-se em consideração que o método e a hermenêutica aludem ao evento cruz-ressurreição e pentecostes, no segundo

capítulo (p. 63-109), reflete-se sobre a passagem da cristologia escatológica, na qual são traçados os alinhamentos da teologia da esperança cristã, em que a cruz de Cristo e sua ressurreição são vistas na perspectiva escatológica do futuro, a uma escatologia cristológica, refletindo a dialética da cruz-ressurreição, tendo presente que o objetivo de Moltmann e Boff é de desenvolver uma cristologia da história escatológica de Deus, entendendo-se a cruz em termos trinitários. A teologia da cruz requer uma reconstrução da doutrina da Trindade, com o objetivo claro de entender o evento Gólgota (p. 107).

No terceiro capítulo (p. 111-142), encerrando a primeira grande parte do livro, intitulada *Pressupostos teológicos*, reflete-se a economia da salvação e a doxologia, interligando uma reflexão sobre monoteísmo político e monoteísmo clerical, a partir da ótica trinitária e atrinitária, bem como suas consequências. Alude-se neste capítulo, também, à teologia de Karl Rahner. A questão abordada também acerca do monoteísmo cristão é aplicada com o objetivo de criticar a forma como se organiza a sociedade, mas, sobretudo, a forma como está organizada a Igreja em seus ministérios.

Salienta-se a forte interligação entre cruz e Trindade. [...] A cruz é o lugar no qual Deus se manifesta Trindade, qual comunhão intradivina do Pai e do Filho e do Espírito Santo, em que as pessoas se constituem em seu amor recíproco. [...] no evento-cruz realiza-se a história de Deus: que o Pai e o Filho constituem-se como tal enquanto profundamente distintos e separados no abandono. [...], a dinâmica interna da Trindade é vista como uma doutrina trinitária do reino (p. 142).

Adentrando à segunda parte do texto, que por sinal também é constituída de três partes, talvez aludindo à Trindade, vislumbra-se uma análise de toda a teologia da Trindade, da criação e da ecologia. Assim, no quarto capítulo (p. 145-195), que fala sobre a Trindade e o modelo societário, há uma reflexão sobre a doutrina da liberdade. *A opção preferencial pelos pobres encerra seu fundamento na própria natureza divina* (p. 167). Mostra-se a influência da teologia trinitária de Joaquim de Fiore, que apresenta os três reinos na História: o reino do Pai, o reino do Filho, o reino do Espírito Santo, articulando-se a dimensão doxológica da teologia trinitária.

[...] tenta-se uma releitura das três etapas do reino, as denominadas eras, tomadas de G. da Fiore [Joaquim de Fiore]. [...] Deus em seu mistério de amor é plena comunhão, amor revelado na história de Jesus Cristo e na ação do Espírito Santo. Amor que transborda na revelação sem esgotar na História, amor que se manifesta como modelo e utopia. Amor que permanece mistério, transcendente, ultrapassando as analogias, escondendo-se na inefabilidade de sua beleza (p. 195).

Tendo batido à porta do cerne do livro, no capítulo quinto (p. 197-222), faz-se uma análise entre teologia da criação e ecologia, a partir da constatação do problema ecológico, interligando a doutrina da criação à doutrina ecológica. Sob a influência da teoria evolucionista, *Moltmann desenvolveu a doutrina da criação vinculada à ideia de uma doutrina ecológica da criação em perspectiva trinitária*” (p. 199). Discute-se também a dimensão antropológica, associada à doutrina do sábado como início da nova criação, em que Deus é tudo em tudo.

[...] Moltmann aproxima a doutrina da casa [...] à doutrina da criação, uma vez que Deus habita a sua criação e as suas criaturas na forma de Espírito, habitando-as no ato de criar e descansar. A transcendência torna-se imanência e sua imanência está na encarnação. [Fazendo-se a interconexão entre] cristologia e pneumatologia em perspectiva escatológica, [...] emerge-se a presença e a ação do Espírito Santo como objetivo escatológico da criação e da reconciliação, apontando para o Pai e para o Filho. O repouso sabático, associado à doutrina da justificação judaica e à justificação cristã, propõe interligar o sábado ao domingo da ressurreição de Cristo. [...]. A perspectiva boffiana tem seu ponto de partida na ecologia como novo paradigma. A perspectiva do novo paradigma implica uma nova articulação do antropológico com o biocêntrico, surgindo uma terceira categoria: a cosmocêntrica. Desse ponto de vista, emerge a relação entre teologia da criação e ecologia, na qual o *Spiritus Creator* dinamiza o universo, e a perspectiva escatológica abre-se para o mundo como futuro e promessa, na qual Deus emerge no processo evolucionário (p. 221-222).

O sexto capítulo (p. 223-237) faz uma amarração entre os pobres e a ecologia: [...] *o modelo trinitário orienta para uma ética na qual os pobres e excluídos são portadores de um privilégio epistemológico* (p. 231). Os pobres e a criação cabem dentro de um novo paradigma e

redimensionamento da teologia da libertação, inter-relacionados em sua perspectiva: o grito da Terra e o grito dos pobres.

As relações trinitárias constituem o eixo articulador do discurso ecológico como novo paradigma e redimensionamento da teologia da libertação interligados em sua perspectiva: o grito da Terra e o grito dos pobres. [...]. Propõe-se uma ética humano ecológica, a partir de uma tomada de consciência do ser humano como filho da Terra, como nó de relações, interligado com o cosmos e com Deus [...]. Uma relação entre teologia da criação e ecologia sustentada por uma espiritualidade cosmológica capaz de recuperar o sagrado do Universo.

No epílogo do livro (p. 239-265), é feita uma síntese de todo o escrito. Ali, a autora delinea perspectivas à luz dos Concílios (aplicados a Moltmann e a Boff) e do Magistério da Igreja (aplicado apenas a Boff, já que Moltmann pertence à tradição protestante). Destacando-se [...] *a elaboração teológica de Boff, inserindo-se no quadro da teologia da libertação, por si, já demonstra, desde o início, um caráter audacioso, tanto do ponto de vista hermenêutico quanto epistemológico* (p. 256). A autora verifica também os elementos consistentes, os limites e as lacunas, as implicações e as perspectivas do pensar teológico no conjunto da tradição teológica. Da apresentação final, destacam-se as tensões acerca da coigualdade das Pessoas Divinas na Trindade; a relação entre escatologia e epifania; a perspectiva da revelação de Deus no AT... E por fim, visualiza-se o deslocamento do ser humano do centro da criação, concedendo esse espaço ao sábado e a compreensão da cristologia da cruz como teologia trinitária, colocando a pericórese trinitária como eixo estruturante do discurso ecológico. Vale ainda destacar o limite apresentado pela autora: [...] *a teologia de Moltmann que corre o risco de perder o especulativo caso não se atenha ao contexto bíblico* (p. 240).

No decorrer do livro, a autora fala em teologia brasileira (por exemplo, p. 11). Tratando-se de uma teologia enquanto sistematização de todo um pensar teológico, o melhor seria substituir o termo em questão por teologia latino-americana. Embora os pensadores estejam situados no Brasil como é o caso de Leonardo Boff, todavia, os reparos e observações à obra não lhe tiram o mérito inegável de servir como introdução valiosa aos estudos de Teologia Trinitária e confirmam a qualidade teológica de seu Autor.

O ponto alto de todo o livro fica no âmbito da relação que se pode fazer entre a Trindade e o cosmos, a natureza, a criação... Se os seres humanos, que possuem à sua disposição tantas dádivas naturais, soubessem aproveitar pericoreticamente o cosmos, levando em consideração que tudo está posto para ser utilizado e não explorado, certamente estaria vivendo uma espiritualidade que levaria até a uma melhor qualidade de vida.

Procurando elaborar uma relação com a vida e o cotidiano do ser humano hodierno, pode-se dizer que, mesmo tendo uma estrutura e um cabedal introdutório à teologia sistemática, o texto do livro *Trindade, criação e ecologia* é um ótimo subsídio para se estudar com lideranças nas paróquias, comunidades eclesiais, religiosas, etc., de modo a continuar a reflexão da Campanha da Fraternidade do ano 2011 que, na prática, não deveria encerrar-se no final da quaresma, mas continuar pelo menos até a apresentação da próxima.

Formulo votos para que sejam muitos os leitores que possam fazer a experiência e a reflexão que brotam desta leitura, propondo-se também a sempre mais caminhar, buscando viver a espiritualidade trinitária onde quer que se esteja.

Rafael Uliano

Especialista em Direito Matrimonial Canônico (FSB-RJ).
Aluno do quinto semestre do curso de Teologia do ITESC.